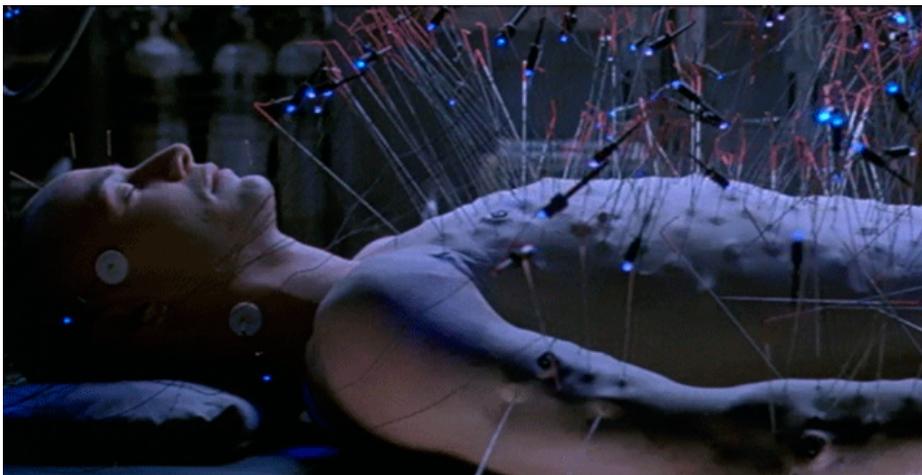


## **Você tem de ser purificado**



Você tem de ser purificado, tem de ser realmente, completamente dissolvido; então, surge um espaço vazio. E nesse vazio, o raio da criação, o raio de Deus, entra e, então você está realizado. Então, não há mais nenhuma miséria, então não há mais nenhuma angústia. Então, você permanece na bem-aventurança eterna, e o êxtase está presente. Não que ele acontece através de alguma coisa, ele não é eterno, porque essa alguma coisa pode ser perdida; se ele é causado por alguma coisa externa, então, não pode permanecer para sempre, pode apenas ser momentâneo. Êxtase e bem-aventurança podem ficar permanentemente com você, eternamente com você, intemporalmente com você, somente quando você os percebe como seu ser — então, ninguém pode tomá-los. Mas esse ser precisa de uma cristalização, precisa de uma purificação, precisa de uma transformação alquímica. O velho tem de ir para o novo chegar, o passado tem de morrer para o futuro nascer. E essa é a decisão que um discípulo tem de tomar. — OSHO

## **Sobre o processo de aprendizagem**



*Descanse, agora. Você vai precisar para o seu treinamento.*

Antes de entrarmos no tema, se faz necessário a leitura do diálogo que ocorre entre Morfeu e Neo, durante o início do seu treinamento. Vejamos:

**Morfeu:** Este é um programa de sparring, igual a realidade programada da Matrix. Tem as mesmas regras básicas, como a gravidade. Só que essas regras não diferem das regras de um sistema de computador. Algumas podem ser distorcidas. Outras podem ser quebradas. Entendeu?

**Neo:** Sim.

**Morfeu:** Então me acerte se conseguir... Bom. Adaptação, improvisação. Mas sua fraqueza não é a sua técnica... Como eu te venci?

**Neo:** Você é rápido.

**Morfeu:** Você acredita que ser mais forte ou mais rápido tem algo a ver com músculos neste lugar? Acha que está respirando ar?... De novo!... O que está esperando? Você é mais rápido que isso. Não pense que é. Saiba que é... Vamos! Pare de tentar me acertar e me acerte!

**Neo:** Sei o que está tentando fazer.

**Morfeu:** Quero libertar sua mente, Neo. Mas só posso te mostrar a porta. Você tem de atravessá-la.

(...)



Aprender significa a capacidade de pensar de forma clara e sã, sem ilusões, e de partir de fatos e não de crenças e ideais. Não pode haver o aprendizado quando o pensamento se origina de conclusões, de preconceitos. O simples adquirir informação ou conhecimento não é aprender. Aprendizagem implica o amor de compreender e o amor de fazer uma coisa por si mesma.

A aprendizagem só é possível quando há liberdade, quando não há nenhum tipo de coerção e a coerção assume várias formas. Há a coerção por meio da influência, por meio da ameaça, por meio do apego, por meio do encorajamento persuasivo ou de formas sutis de recompensa.



A maioria das pessoas pensa que a aprendizagem é encorajada através de comparações, ao passo que na verdade é precisamente ao contrário disso. As comparações produzem decepções e só estimulam a inveja, que se chama competição. Como outras formas de persuasão, a comparação impede a aprendizagem e produz o medo. A ambição também provoca medo. A ambição, seja pessoal ou identificada com o coletivo, é sempre anti-social.



***Bom! Adaptação, improvisação.  
Mas sua fraqueza não é a sua técnica.***

Matrix nos mostra que é necessário encorajar o desenvolvimento de uma boa mente – uma mente capaz de lidar com os constantes “desafios” das questões da vida como um todo, e que não procure “fugir” dos mesmos, e, desse modo, tornar-se contraditória, frustrada, amargurada ou cínica. Esse estado da mente frustrada, amargurada e cínica é muito bem representada pelo personagem Cypher; esse é um estado em que a mente não é consciente de seu próprio condicionamento, de suas próprias motivações e objetivos.



***Quero libertar sua mente, Neo. Mas só posso lhe mostrar a porta. Você tem de atravessá-la.***

Matrix nos mostra que o desenvolvimento de uma boa mente dever ser a nossa maior preocupação e que, portanto, a forma de transmitir a mensagem torna-se muito importante. É preciso cultivar a totalidade da mente, não a mera transmissão de informações. Matrix, através de seu personagem Morfeu, deixa claro que no processo de comunicação de conhecimento, o educador tem de convidar o “neófito” para o “debate” e estimulá-lo a inquirir e pensar de forma independente.

A autoridade, como “aquele que sabe”, não tem lugar no processo de aprendizagem. Tanto o “treinador” como o neófito estão aprendendo juntos, através do seu relacionamento especial um com o outro; mas isso não quer dizer que o “treinador” não deva levar em conta a boa ordem do pensamento.



*Você precisa livrar-se do medo, Neo, da dúvida e da descrença. Liberte sua mente.*

Essa boa ordem não é produzida por meio da disciplina, sob a forma de afirmações convictas de conhecimento; mas ela ocorre naturalmente, quando o treinador compreende que, ao cultivar a inteligência, é preciso haver uma sensação de liberdade. Isto não quer dizer a liberdade para fazer o que se quer, ou pensar com o espírito de mera contradição. Trata-se da liberdade em que o “neófito” é ajudado a tomar consciência de suas próprias necessidades e motivações, que lhe são reveladas através de seu pensamento e acções diárias.



Uma mente disciplinada nunca é uma mente livre, nem pode ser livre a mente que reprimiu o desejo. Só através da compreensão de todo o processo do desejo é que a mente pode ser livre. A disciplina sempre limita a mente a um movimento dentro da “arena” de um sistema ou de um “programa” particular de pensamento ou de crença. E essa mente nunca é livre para ser inteligente.

A disciplina acarreta submissão à autoridade psicológica. Ela proporciona a capacidade de agir em conformidade com o modelo condicionado pelo pensamento social, que exige capacidade funcional, mas não desperta nunca a acção da inteligência amorosa e criativa que tem capacidade própria.



**Matrix mostra que a mente que não cultivou nada, senão a capacidade através da memória, é como o moderno computador que, embora funcione com assombrosa capacidade e precisão, continua sendo apenas uma mera máquina, facilmente substituível. A autoridade psicológica pode persuadir a mente a pensar numa determinada direcção. Mas, ser guiado a pensar de uma determinada maneira, ou em termos de conclusão prévia, não é absolutamente pensar; é apenas funcionar como uma máquina humana, o que produz irreflectido descontentamento, acarretando decepções e misérias. Matrix aponta para o desenvolvimento total de cada ser humano, ajudando-o, por meio dos seus personagens, a compreender a sua mais alta e mais plena capacidade; não a alguma capacidade fictícia que o educador tenha em mente sob a forma de conceito ou de um ideal. Qualquer espírito de comparação impede esse florescimento pleno do indivíduo, a excelência humana. Quando são feitas comparações surgem o desprezo e as reacções invejosas que criam tantos conflitos entre os homens.**

**Matrix sustenta que somente o pleno desenvolvimento de cada indivíduo pode criar uma sociedade igualitária. A actual luta social no intuito de produzir igualdade no nível económico ou em algum nível “espiritual” não tem absolutamente sentido.**



**Matrix mostra que no devido interesse do desenvolvimento total do indivíduo, não convém permitir que o neófito, no início do seu “treinamento”, de sua aprendizagem, escolha suas próprias matérias de estudo, porque sua escolha pode basear-se em um entusiasmo passageiro ou em preconceitos, ou pode estar motivado apenas em encontrar a coisa mais fácil de fazer; ou ainda, pode fazer uma escolha baseada nas exigências imediatas de uma necessidade específica.**



Mas, se ajudarmos o neófito a descobrir por si mesmo e cultivar suas capacidades inatas, então ele escolherá com naturalidade não as matérias mais fáceis, mas aquelas através das quais possa exprimir suas capacidades no mais alto grau e mais plenamente. Se o neófito for ajudado, desde o princípio, a encarar a vida como um todo, com todos os seus problemas psicológicos, intelectuais e emocionais, não ficará amedrontado com ela.



Matrix nos mostra que a inteligência é a capacidade de encarar os “desafios” da vida com totalidade do ser e que todo treinamento, todo aprendizado consiste no cultivo daquele estado de ser no qual a inteligência possa se manifestar com toda a sua propriedade. Isso fica bem claro ao término do seguinte diálogo entre Morfeu e Neo:

**Morfeu:** A Matrix é um sistema, Neo. Esse sistema é nosso inimigo. Mas, quando estamos dentro dele, o que vemos? Homens de negócios, professores, advogados, marceneiros. As mesmas pessoas que queremos salvar. Mas até conseguirmos, essas pessoas fazem parte desse sistema e isso faz delas nossas inimigas. Você precisa entender que a maior parte dessas pessoas não está pronta para acordar. E muitos estão tão inertes, tão dependentes do sistema que vão lutar para protegê-lo. Você estava me ouvindo ou olhando para a mulher de vestido vermelho?

**Neo:** Eu estava...

**Morfeu:** Olhe de novo. Congele.

**Neo:** Esta não é a Matrix?

**Morfeu:** Não! É mais um programa de treinamento feito para ensinar uma coisa: se você não é um dos nossos, você é um deles.

**Neo:** Quem são eles?

**Morfeu:** programas sencientes. Podem entrar e sair de qualquer software ainda conectado ao sistema deles. Isso significa que qualquer um ainda não libertado é um agente em potencial. Dentro da Matrix eles são todos e

não são ninguém. Nós sobrevivemos nos escondendo deles e correndo deles, mas eles são os porteiros. Eles protegem todas as portas e têm todas as chaves. Cedou ou tarde, alguém terá que lutar com eles.

**Neo:** Alguém?

**Morfeu:** Não vou mentir, Neo. Todos os homens e mulheres que lutaram com os agentes morreram. Mas, onde eles falharam, você vencerá.

**Neo:** Por que?

**Morfeu:** Já vi um agente abrir o concreto com um soco. Já descarregamos o pente neles, e não conseguimos acertar. Mas a força e a velocidade deles se baseiam num mundo feito de regras. Por causa disso eles não podem ser tão fortes ou rápidos quanto você.

**Neo:** O que está dizendo? Que posso desviar das balas?

**Morfeu:** Não, Neo. Estou dizendo que, quando você estiver pronto isso não será necessário.

## **Um estudo arquetípico sobre a rede do pensamento condicionado**



O filme *MATRIX* é uma excelente metáfora que aponta para a necessidade do processo de revolução interior do homem. Cada um dos seus personagens representa um arquétipo que aponta para a totalidade do nosso ser. As inúmeras cenas de violência física e incontáveis tiros representam o processo de destruição da estrutura psicológica imposta pela sociedade, a qual a maioria de nós estamos presos. Essa estrutura psicológica, chamada *MATRIX* é a representação da *rede do pensamento colectivo condicionado*. Os tiros disparados pelos agentes da *MATRIX*, são representações das inumeráveis formas de influências sociais, tais como a ambição, inveja, ânsia de poder, sucesso, prestígio, aceitação de autoridades psicológicas, sistemas de crenças, dogmas e rituais, a perene luta da contradição entre muito mais.

O filme *MATRIX*, retrata o quanto estamos profundamente aprisionados pela estrutura psicológica da sociedade; mostra como ela tenta moldar as nossas mentes, nossos pensamentos e sentimentos. As constantes cenas de destruição servem como alerta de que se não destruímos completamente, em nós mesmos, a estrutura da rede de pensamento, não teremos a possibilidade de “morrer” para a nossa mente condicionada e

presenciar o nascimento de uma mente livre, capaz adentrar na natureza exata do pensamento e de ver o Real.



**Intuição, Observador, Bom-senso, Auto-boicote, Pensamento Técnico**

Os constantes confrontos representam a batalha travada pela intuição (Trinity), o pensamento técnico (Dozer), o observador (Morfeu), o bom-senso (Oráculo) e as próprias influências estagnantes bem como do social representadas pela personagem (Cypher). Essa batalha é travada há todas às horas, contra os vários agentes da rede do pensamento tendo como representante principal o agente Smith. Essa batalha não se trata de um movimento externo, mas sim de um processo interno de cada um de nós.



O filme *MATRIX*, mostra que, enquanto toda estrutura psicológica não for perfeitamente compreendida e rompida através do despertar da inteligência capaz de '*atravessar o centro do pensamento*', nenhuma possibilidade teremos de viver uma vida livre, plena ou de ser capaz de compreender o que se acha além da mente, além da limitação dos sentidos, símbolos e palavras.

O filme *MATRIX*, revela a superficialidade na qual está se tornando o nosso mundo de relações. Aponta para o resultante caos do desenvolvimento tecnológico sem o devido desenvolvimento psicológico do homem. Mostra que tecnologicamente estamos avançando a passos largos, mas, interiormente, continuamos a perpetuar os velhos, desgastados e disfuncionais sistemas de crenças e padrões de comportamento social, embasados na busca do veneno da respeitabilidade.



O filme *MATRIX* nos mostra o quanto que estamos vivendo nossa vida de modo fragmentado; o quanto que estamos tão-somente sempre arranhando a superfície, sem nunca descermos abaixo dela. Mostra claramente através do agente Smith, que por mais sagazes que sejamos, por maior que seja o nosso acumulo de informações e conhecimento a respeito das mais variadas coisas, enquanto não alterarmos, completa, profundamente, toda a estrutura psicológica do nosso ser, não teremos como ser livres e, por conseguinte, instrumentos manifestantes de uma inteligência amorosa criativa, que se apresenta quando da fusão entre o pensamento técnico, a intuição, o observador e a coisa observada.

O filme *MATRIX* mostra que a revolução total não ocorre apenas na superfície da nossa mente consciente, mas também nas camadas mais profundas do inconsciente. Mostra-nos que, para que possa ocorrer essa revolução interior, temos que estar dispostos a escutar, sem ressalvas, tudo aquilo que nos diz a intuição, o observador, bem como a direção apontada pelo pensamento técnico. Mostra que enquanto insistimos em interpretar aquilo que ouvimos, ou em comparar com aquilo que já sabemos e que se encontra armazenado em nossa memória, não estamos prontos para iniciar o processo de *'desprogramação mental'*. Se percebemos a necessidade dessa *'desprogramação mental'* e a necessidade de receber uma nova mensagem capaz de nos proporcionar uma nova maneira de viver, capaz de nos libertar de vez de nossas disfuncionais reacções provenientes do nosso fundo psicológico, temos que aprender a escutar sem a "tagarelice" de nosso pensamento condicionado. É preciso escutar a nova mensagem sem "projetar" o próprio processo de pensar, sem as interpretações, sem a velha mania de comparar, julgar, avaliar, condenar e rotular. É preciso tão somente relaxar e receber de mente aberta as novas mensagens, capazes de fazer com que vejamos as coisas como realmente são, sem a limitação imposta pelas palavras e símbolos. Isto não tem nada a ver com um processo de hipnose ou concentração, mas sim, de um receptivo estado de mente aberta para o desconhecido. Esse receptivo estado de mente aberta é o meio pelo qual se abrem as portas através das quais podemos olhar a nós mesmos e, por meio desse olhar, nos libertar de nossos condicionamentos.



A cena que mostra a personagem “Neo”, recebendo “novos programas”, e a outra em que ele se encontra deitado sobre uma maca, repleto de agulhas espalhadas pelo corpo, retratam o árduo trabalho que dá para se libertar do profundo e poderoso sistema de condicionamento social. Nossa mente foi educada, ou melhor, condicionada ao nacionalismo, a religião - com seus sistemas de crenças e dogmas -, e toda sua carga histórica. Por anos fomos programados pela cultura em que vivemos.

Estas cenas mostram que é relativamente fácil se desprogramar destes condicionamentos. As cenas seguintes mostram que o mais difícil é desprogramar o inconsciente, que desempenha um papel muito mais importante em nossas vidas do que a mente consciente.



Nosso inconsciente é o resultado de muitos milhares de anos de condicionamento humano. As cenas em que *Neo* enfrenta *Morfeu* numa milenar luta marcial representam a necessidade de se estar consciente desse condicionamento e dele se libertar, e que para isso é necessário uma grande soma de atenção. Isso também fica claro numa cena em que *Neo* reconhece uma antiga cantina. Acompanhe as falas da cena:

**Neo:** Deus!

**Trinity:** O quê?

**Neo:** Eu comia ali!... Macarrão muito bom! Tenho essas lembranças da minha vida. Nenhuma delas aconteceu. O que isto significa?

**Trinity:** Que a Matrix não pode-te dizer quem você é!

**Neo:** Mas o Oráculo pode?

**Trinity:** É diferente!

O diálogo existente nessa cena retrata a necessidade de se compreender através do bom-senso e, por meio dessa compreensão nos libertar do inconsciente com sua “carga histórica” – a longa história do passado – caso contrário, sempre haverá o vacilar, a contradição, o conflito e a

furiosa e desgastante batalha interior que dá alimento ao pensamento e seu processo divisor. E, onde há divisão, não pode haver compreensão. É um aviso imperioso da necessidade de se libertar do passado, o que talvez seja uma das nossas maiores dificuldades. A cena também nos alerta de que o processo de análise não pode nos levar muito longe. Para se penetrar mais profundamente, para alcançar o “deserto do real” – como nas palavras proferidas por *Morpheus*, se faz necessário pôr fim a esse processo que é o “analista analisando continuamente”, e, em troca, começar a ouvir, a ver, a observar sem o antigo movimento de condenação ou justificação. Somente quando se observa dessa maneira é que não há contradição e esforços; por conseguinte, há compreensão imediata.



No entanto, para penetrarmos muito profundamente em nós mesmos, devemos, obviamente estar livres da ambição, da competição, da inveja, da avidez e da não compreensão do prazer. Esses condicionamentos característicos são bem retratados pelo personagem “*Cypher*” em várias cenas. *Cypher* mostra a dificuldade de se conseguir isso, uma vez que a inveja, a ambição, a avidez e a busca do prazer imediato são a própria substância da estrutura psicológica-social. Sem a compreensão desses sentimentos, não pode haver a eliminação dos mesmos e sem isto corremos o risco de sermos destruídos pelo conformismo e a estagnação, fortemente incentivados pelos agentes da rede do pensamento condicionado. *Cypher* nos mostra que não há a mínima possibilidade de se chegar ao incognoscível, àquilo que se acha muito além da mente, muito além do pensamento se mantemos na memória toda carga dos nossos conhecimentos e lembranças, com as cicatrizes da experiência, o peso da ansiedade, da raiva, do medo. Sem a mente vazia da carga do passado, torna-se impossível viver neste mundo sem sermos atingidos pelas balas do ódio, da fealdade, brutalidade, da ambição, da autoridade, do poder, do prestígio, do medo. Não poderemos viver neste mundo sem perpétuo sofrimento. Isso é bem exemplificado nos diálogos das seguintes cenas, entre *Cypher* e *Trinity*:



**Cypher: Alô, Trinity.**

**Trinity: Cypher? Cadê o Tank?**

**Cypher: Sabe, durante muito tempo, achei que eu fosse apaixonado por você. Eu sonhava com você. Você é uma bela mulher, Trinity. É uma pena as coisas terminarem assim.**

**Trinity: Você os matou?**

**Cypher: Estou cansado, Trinity. Estou cansado desta guerra, cansado de lutar, cansado deste barco, de sentir frio, de comer a mesma gororoba todo dia. Mas, acima de tudo estou cansado daquele chato e do papo furado dele (*Morfeu* = Observador).**

**Trinity: Você entregou Morfeu?**

**Cypher: Ele mentiu para nós, Trinity. Ele nos enganou! Se ele tivesse dito a verdade a gente teria mandado ele enfiar aquela pílula vermelha!**

**Trinity: Não é verdade. Ele nos tornou livres.**

**Cypher: “Livres”? Chama isso de “Livre”? Eu só faço o que ele manda (observador)... Se eu tiver de escolher entre isso e a Matrix, eu escolho a Matrix.**

**Trinity: A Matrix não é real.**

**Cypher: Discordo, Trinity. Eu acho que a Matrix pode ser mais real do que este mundo... Bem-vinda ao mundo real!**

**Trinity: Você está fora. Não pode voltar.**

**Cypher: Isso é o que você pensa. Vão recolocar meu corpo. Vou voltar a dormir. Quando eu acordar, não lembrarei de nada...**

**Trinity: Seu maldito!**

**Cypher: Não me odeie, Trinity. Sou apenas um mensageiro. E agora vou provar para você. Se Morfeu estiver certo eu não conseguirei arrancar este plugue. Se Neo é o escolhido então haverá algum milagre para me deter. Certo? Como ele pode ser o escolhido se está morto? Você nunca me respondeu se você acreditava no papo de Morfeu. Fale. Eu só quero um sim ou um não. Olhe nos olhos dele, esses olhos grandes e bonitos e me diga: sim ou não?**

**Trinity: Sim.**

**Cypher: Não, eu não acredito.**

**Nesse instante, o personagem Tank se levanta e diz:**

**Tank: Acredite ou não, seu merda, você vai queimar!**

**Os diálogos da cena acima descrita demonstram como o pensamento colectivo condicionado, por meio da intriga política, das religiões, está sempre procurando moldar o pensamento do homem; mostra que as entidades promotoras de bem-estar social nos estão dando cada vez mais conforto e nos tornando cada vez mais embotados e estúpidos, porque**

nos servimos do conflito como meio de nos tornamos exteriormente inteligentes, brilhantes. *Cypher* é a representação de que, interiormente, não mudamos em nada; continuamos a ser o que somos há séculos: medrosos, ansiosos, culpados, em busca de poder e satisfação sexual. Ele é a representação da nossa tendência a perpetuação das nossas tendências egocêntricas, instintivas, e do conformismo ao funcionamento dentro da actual estrutura psicológica da sociedade.



Quando o personagem *Tank* dispara a sua arma contra *Cypher*, matando-o, apresenta-se a urgente e emergencial necessidade de se destruir completamente toda essa estrutura e ficar fora dela, sem se tornar insano, sem virar monge, freira ou eremita. Essa estrutura só pode ser destruída imediatamente, não há um tempo determinado para fazê-lo.

Ou o fazemos imediatamente, ou nunca. Se não formos capazes de compreender, de prestar atenção completa agora, nos movimentos do *Cypher* que há em nós, seremos capazes de fazê-lo amanhã? Se o deixarmos para amanhã, continuaremos incapazes de prestar atenção completa, colocando em risco a vida do Neo que somos nós.

Essa cena mostra que a atenção não é questão de tempo; que a compreensão não é um processo gradual. Se pudermos olhar simplesmente para o fato, sem desfigurá-lo, descobriremos que essa própria observação do fato não somente elimina a dualidade “observador e coisa observada”, geradora de conflito, mas também liberta uma grande soma de energia. E nós necessitamos de energia. Não se faz referência aqui a energia produzida pelo conflito. Essa energia é destrutiva. A referência aqui é quanto à energia que é gerada quando se vê um fato completamente, totalmente. *Cypher* é a representação do nosso enredamento nas palavras. Palavras são ideias; ideias são pensamento. Para se olhar o fato totalmente, sem desfiguração, é preciso haver um espaço vazio na mente que olha. *Cypher* é também a representação da nossa mente “tagarela”, que nunca está quieta, que sempre está articulando, sempre criando teorias, construindo, destruindo e juntando de novo. O *Cypher* que está em nós precisa desaparecer através da observação, pois somente assim pode surgir uma mente tranquila, uma mente livre do tempo e do espaço, onde não há o “amanhã” ou o próximo segundo. Essa tranquilidade da mente é atenção total; e essa atenção total é virtude. Essa é a verdadeira virtude. Qualquer outra forma de virtude ou de moralidade é criação da mente, ou seja, pela estrutura psicológica da sociedade, nesta cena representada pelo

personagem *Cypher*. Somente com a mente completamente vazia de toda forma de problema é possível descobrir então, se tivermos penetrado até essa profundidade, a existência de um modo de vida que está muito além, uma nova maneira de viver que a mente não pode medir e nenhuma religião pode apreender. E como vivemos neste mundo caótico e confuso, representado pela Matrix, é essencial termos uma mente assim – mente capaz de olhar todas as coisas clara e rectamente, sem esforço, ver cada fato tal como é. Só essa mente quieta, não mais influenciada pelo *Cypher* ou pelos demais agentes da Matrix, e que, portanto é serena, só a essa mente pode apresentar-se o descondicionado, o imensurável.

## Sobre as grados da Matrix



Comecemos este capítulo com trecho do diálogo inicial entre Morfeu e Neo:

**Morfeu:** Sei exactamente o que quer dizer. Vou-te dizer por que está aqui. Você sabe de algo. Não consegue explicar o quê. Mas você sente. Você sentiu a vida inteira: há algo errado com o mundo. Você não sabe o que, mas há. Como um zunido na sua cabeça te enlouquecendo. Foi esse sentimento que te trouxe até mim. Você sabe do que estou falando?



**Neo:** Da Matrix?

**Morfeu:** Você deseja saber o que ela é? Matrix está em todo lugar. À nossa volta. Mesmo agora, nesta sala. Você pode vê-la quando olha pela janela ou quando liga a sua televisão. Você a sente quando vai para o trabalho, quando vai à igreja, quando paga seus impostos. É o mundo que foi colocado diante dos seus olhos para que você não visse a verdade.



**Neo:** Que verdade?

**Morfeu:** Que você é um escravo. Como todo mundo, você nasceu num cativeiro, nasceu numa prisão que não consegue sentir ou tocar. Uma prisão para a sua mente. Infelizmente, é impossível dizer o que é a Matrix. Você tem de ver por si mesmo. Esta é a sua última chance. Depois não há como voltar.



Se tomar a pílula azul, a história acaba, e você acordará na sua cama acreditando no que quiser acreditar. Se tomar a pílula vermelha ficará no País das Maravilhas e eu te mostrarei até onde vai a toca do coelho. Lembre-se: tudo o que ofereço é a verdade. Nada mais.

(...)



O que é a Matrix?... Matrix representa o conjunto de valores, crenças, regras, sistemas e condicionamentos que mantém a mente aprisionada, impedindo a liberdade necessária para que ocorra o despertar da inteligência criativa e amorosa. Matrix é a soma dessa poderosíssima energia colectiva negativa que nos impulsiona a esquecer nossa própria liberdade e nos ajustarmos a essa disfuncional e limitante escala de valores.



A Matrix não quer de forma alguma que pensemos com inteligência, não quer que sejamos livres para descobrir as coisas, por nós mesmos, porque então seríamos cidadãos perigosos, uma vez que não mais nos ajustariamos à estabelecida rede de pensamentos condicionados. Observe a explicação dada ao Neo por Morfeu, sobre o que é a Matrix:



**Morfeu:** O que é a Matrix?... Controlo. A Matrix é um mundo de sonhos gerado por um computador, feito para nos controlar para transformar o ser humano numa pilha (algo descartável)...

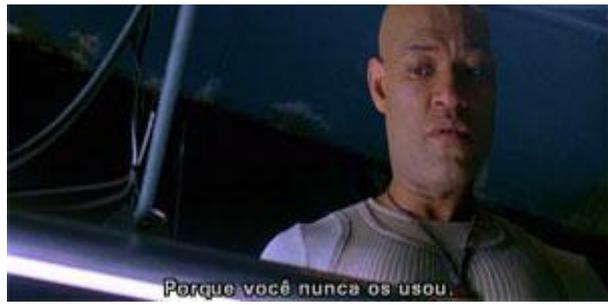
**Neo:** Não. Eu não acredito. Não é possível.

**Morfeu:** Eu não disse que seria fácil, Neo. Eu só disse que seria a verdade.

**Neo:** Pare. Deixe-me sair! Deixe-me sair! Eu quero sair! (...)



Somente se formos livres, tendo inteligência, é que faremos algo que seja totalmente nosso, que agiremos como um ser humano portador de unidade interna, portanto, integrado. Liberdade significa liberdade em todos os níveis, completamente; e, pensar em conformidade com determinada direcção não é de forma alguma liberdade. Liberdade significa usar os olhos pela primeira vez e ver a vida pelo nosso olhar.



**Neo:** Por que meus olhos doem?

**Morfeu:** Porque você nunca os usou.

**Descanse, Neo. As respostas virão!**

Por isso, é muito importante que sejamos livres, não só no nível consciente, mas também profundamente no interior. Isto quer dizer que temos de permanecer vigilantes sobre o que se passa em nosso interior, cada vez mais conscientes das influências que procuram nos controlar e nos dominar; quer dizer, nunca aceitar nada irreflectidamente, mas sempre contestar, investigar e estar em estado de profunda e inteligente revolta – revolta no sentido de “voltar” ao nosso estado original não condicionado. Esse estado de revolta não tem relação alguma com uma acção de **inconsequente anarquismo**.

Só podemos ser livres e experimentar a vida em toda a sua totalidade quando nossa mente não está mais aprisionada pela visão alheia. A maioria de nós vive dentro de uma prisão, num mundo preso por ideias, pela dualidade do certo e errado estipulado por terceiros ou por nós mesmos. Vivemos presos pelo que as pessoas dizem, o que os líderes religiosos dizem, o que os meios de comunicação e governo dizem, pelo que é dito pela tradição. Tudo isso forma o tipo de prisão em que vivemos; e, vivendo nesse enquadramento, dizemos que somos pessoas livres.



O filme Matrix nos levanta duas importantes questões:

**Somos realmente indivíduos livres?**

**Pode um homem ser livre enquanto vive dentro de uma prisão, por mais colorida e espaçosa que esta seja?**



**Portanto, é preciso quebrar as aprisionadoras paredes da tradição com seu colorido opaco e descobrir, por nós mesmos, o que é real, o que é verdadeiro. Precisamos experimentar e descobrir, por nós mesmos, e não meramente seguir o que qualquer líder diz, por mais coerente, nobre, bom e emocionante que possa ser esse líder, e por mais feliz que possamos nos sentir em sua presença.**



**O filme Matrix nos mostra que o importante é ser capaz de examinar, e não simplesmente aceitar todas as coisas que as pessoas têm dito que são boas, benéficas e interessantes. Pois, no momento em que irrefletidamente aceitamos, começamos a nos conformar, a nos amoldar, a imitar; e conformismo, imitação e amoldamento não podem tornar ninguém livre e feliz.**

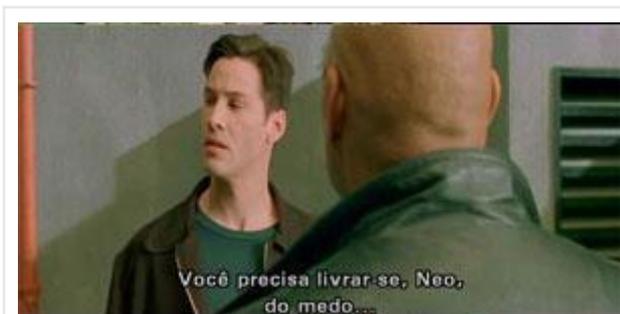
**A Matrix, com sua rede de pensamento condicionado nos diz que o homem precisa ser disciplinado para que seja funcional. A disciplina em nome da funcionabilidade é imposta tanto por terceiros como por nós mesmos que aceitamos essa "funcionabilidade disfuncional". Mas, o que realmente importa é ser livre para pensar, para questionar, de modo que comecemos a fazer descobertas por nós mesmos. Infelizmente, a maioria de nós não quer saber de pensar, de descobrir por si; preferem continuar pensando dentro dos moldes limitantes da tradição e, por isso, vivem num perene estado de mente fechada.**

**É muito difícil pensar por si mesmo com profundidade, penetrar as coisas e descobrir o que é verdadeiro; isso requer percepção alerta, constante questionamento, e a maioria de nós não possui a inclinação e nem a energia necessária para isso. A maioria prefere recorrer aos dizeres de outra pessoa a quem imputam o veneno da respeitabilidade.**

**Portanto, é de extrema urgência, sermos livres para descobrir as coisas e não estarmos aprisionados pelas grades do faça e não-faça; pois se nos**

**disserem constantemente o que devemos ou não fazer, como poderemos despertar para a presença da inteligência criativa amorosa?**

**O filme Matrix nos mostra que a inteligência só se manifesta quando se é livre para questionar, para pensar e para descobrir, de modo que a mente se torne bem activa, alerta e esclarecida, capaz de ser uma luz para si mesma. Só assim seremos um indivíduo plenamente integrado e não uma entidade fragmentada pelos seus medos, dúvidas, descrenças e inseguranças que, sem saber o que fazer, interiormente sente uma coisa e exteriormente se conforma com outra.**



**Você precisa livrar-se, Neo, do medo, da dúvida e da descrença.**

**É justamente esse conformismo que mantém nossa mente aprisionada à rede do pensamento colectivo condicionado; essa rede que é a Matrix. A inteligência exige que ousemos romper com a tradição – não intelectualmente, mas holisticamente -, e viver de acordo com as nossas próprias convicções; mas, se estamos aprisionados pelas ideias dos nossos familiares a respeito do que devemos ou não fazer e pelas tradições da sociedade, como poderemos ser um instrumento manifestante dessa inteligência criativa e amorosa?**

**Portanto, disciplina e liberdade são coisas contraditórias; uma está a serviço da perpetuação da Matrix, enquanto a outra, a serviço da potencialização do ser humano. A disciplina, com todos seus medos, impede o florescimento da sensibilidade. A sensibilidade é destruída quando se é disciplinado, quando se tem medo ou quando se está excessivamente preocupado consigo mesmo, com o que os outros possam pensar a nosso respeito. Quando somos insensíveis, nossa mente e coração ficam aprisionados e, com isso, perdemos a capacidade de contemplar o belo.**

**Para libertar a mente das grades do conformismo, requer-se uma grande sensibilidade. Não há liberdade quando se está envolvido em interesses puramente egoístas ou então, aprisionado por várias paredes de disciplina. Enquanto nossa vida for um processo de imitação, não poderá haver a sensibilidade, muito menos liberdade.**

**O filme Matrix nos aponta para a emergencial necessidade de se semear a semente da liberdade, que surge com o despertar da inteligência; pois somente com essa inteligência é que podemos enfrentar todos os**

problemas da vida de relação sem a perda de energia desnecessária e com a acção motivada pela amorosidade que transcende a limitação das palavras.

## **Sobre a busca da Verdade**



Segundo *Arthur Schopenhauer*, toda verdade passa por três estágios: primeiro ela é ridicularizada. Segundo ela é violentamente combatida. Terceiro, é aceita como sendo auto-evidente.

O filme *Matrix* é uma grande metáfora da busca do homem pelo encontro com a Verdade, com o eterno, o atemporal. Isso fica claro na cena em que Morfeu conversa com Neo, antes de lhe oferecer a pílula vermelha. Vejamos o diálogo:

**Morfeu:** Eu imagino que você esteja se sentindo um pouco como a Alice. Entrando pela toca do coelho.  
**Neo:** Você tem razão.



**Morfeu:** Eu vejo nos seus olhos. Você tem o olhar de um homem que aceita o que vê porque está esperando acordar. Ironicamente não deixa de ser verdade. Você acredita em destino, Neo?

**Neo:** Não.

**Morfeu:** Por que não?

**Morfeu:** Sei exactamente o que quer dizer. Vou-te dizer por que está aqui. Você sabe de algo. Não consegue explicar o quê. Mas você sente. Você sentiu a vida inteira: há algo errado com o mundo. Você não sabe o quê, mas há. Como um zunido na sua cabeça te enlouquecendo. Foi esse sentimento que te trouxe até mim. Você sabe do que estou falando?



**Neo:** Da Matrix?

**Morfeu:** Você deseja saber o que ela é?

**Neo:** Sim.



**Morfeu:** A Matrix está em todo lugar. À nossa volta. Mesmo agora, nesta sala. Você pode vê-la quando olha pela janela ou quando liga a sua televisão. Você a sente quando vai para o trabalho, quando vai à igreja, quando paga seus impostos. É o mundo que foi colocado diante dos seus olhos para que você não visse a verdade.

**Neo:** Que verdade?



**Morfeu:** Que você é um escravo. Como todo mundo, você nasceu num cativeiro, nasceu numa prisão que não consegue sentir ou tocar. Uma prisão para a sua mente. Infelizmente, é impossível dizer o que é a Matrix. Você tem de ver por si mesmo. Esta é a sua última chance. Depois não há como voltar. Se tomar a pílula azul, a história acaba, e você acordará na sua cama acreditando no que quiser acreditar.



**Se tomar a pílula vermelha ficará no País das Maravilhas e eu te mostrarei até onde vai a toca do coelho. Lembre-se: tudo o que ofereço é a verdade. Nada mais.**

**(Neo escolhe a pílula vermelha e a engole sob o olhar realizado de Morfeu)**

**(...)**



### **A importância da honestidade emocional**

**Nesta cena, Matrix nos mostra que só os indivíduos amadurecidos encontrarão a Verdade. Aquele que alcançou a maturidade psicológica não segue caminho algum, seja o caminho dos adeptos, seja o caminho do saber, da ciência, do devotamento ou da acção. O homem que foi posto num determinado caminho, não está amadurecido e não encontrará, jamais, a Verdade, o Eterno, o atemporal...**

**Aqueles de nós que estão seguindo determinados caminhos, tem interesses adquiridos, interesses mentais, emocionais e físicos, e esta é a razão porque achamos tão difícil o amadurecer; como será possível para nós abandonar aquilo a que estamos apegados há cinqüenta ou sessenta anos?... Mas, nós nos entregamos a uma organização, da qual somos presidente, secretário ou simples membro... O homem que se entregou a um determinado caminho ou norma de acção está preso a sistemas e programas, e não encontrará a Verdade. Através da parte nunca se encontra o todo. Através de uma estreita fenda da janela, não podemos ver o céu, o céu maravilhoso e brilhante, e só pode ver com clareza o céu o homem que está de fora, longe de todos os caminhos, de todas as tradições, e nesse homem há esperanças...**

**Algumas pessoas frequentam várias instituições em busca da verdade. No entanto, a verdade não está lá; o que está lá é a fantasia, e a verdade**

não é uma fantasia. *A verdade está onde estamos.* Não em alguma instituição, mas onde estamos. A verdade é o que estamos fazendo, como estamos nos comportando.



Todo aquele que deseja descobrir a verdade, o real, o eterno, se faz necessário que abandone todos os livros, sistemas, "gurus", pois aquilo que deseja achar só se achará quando compreender a si próprio. É a Verdade que liberta; não o meio, ou o sistema.

É preciso ter a percepção visceral de que a mente é um empecilho para a descoberta da verdade. Mas ela é um fenomenal instrumento de criação depois que ela já foi colocada devidamente em seu lugar, depois que ela já foi transcendida e, portanto, é usada apenas como um instrumento com sua função própria, que é de criar, reflectir, representar e relacionar no seu nível e em níveis inferiores. A verdade, O Desconhecido que a transcende e que é eternamente novo; enquanto isto não acontece, o que ela faz é viajar, macaquear, imitar, submeter ou ser submetida por outras mentes mais ou menos poderosas, mas igualmente medíocres e limitadas como ela.

Se queremos saber o que é a Verdade, temos que ser "impiedosos" conosco mesmo e viver no "verdadeiro estado de investigação". A menos que nos investiguemos profundamente, em vosso interior, não temos a possibilidade de descobrir o que é verdadeiro. Ninguém pode nos levar a esse descobrimento - ninguém! - e, por consequência, nenhum sistema. A verdade não é uma coisa estática, que fica à nossa espera, enquanto seguimos um sistema uniforme, enquanto praticamos dia a dia um certo método, enquanto aprimoramos a nossa mente e o nosso coração para alcançar aquele estado a que chamamos "a verdade". A Verdade não espera por nós!

De nada adianta procurar por um caminho, um método. Não há métodos nem caminho para a verdade. Ao invés de procurar por um caminho, precisamos nos tornar conscientes dos obstáculos. O percebimento não é apenas intelectual; é simultaneamente mental e emocional; é a plenitude da acção. Então, nessa chama de percebimento, todos esses obstáculos se desmoronam porque os penetramos. Então podemos perceber directamente, sem escolha, aquilo que é verdadeiro. A nossa acção será assim oriunda da plenitude e não da insuficiência da segurança; e nessa plenitude, nessa harmonia da mente e do coração, está a realização da Verdade, do eterno.

## **Sobre o medo, a ausência de tempo e o poder do agora**



Nesta cena, onde Neo mantém pela primeira vez contacto com o observador Morfeu, fica bem clara a reacção inicial de medo diante de um novo paradigma libertador. Neo, o neófito, busca segurança em cada uma de suas perguntas. O observador Morfeu quer que ele “levante, ou seja, se eleve a fim de poder ver por si mesmo, a fim de poder ser uma luz para si mesmo”. No entanto, Neo não sabe como fazê-lo e faz a tão conhecida e perniciososa pergunta para o autoconhecimento: “como?”



### **Medo e busca de segurança**

Esse diálogo mostra a nossa tendência inicial de buscar por segurança através de um método. O observador Morfeu quer que ele se levante, devagar, quer que ele busque pelo “elevador que possa levá-lo ao topo do prédio, mas Neo tem medo das alturas, e pelo medo, perde a ligação com o observador”. Neo mostra a dificuldade da aceitação de uma nova mensagem, uma vez que a mente condicionada não quer aceitar, fica constantemente questionando, comparando com o arquivo de conhecimento do passado.

Morfeu insiste várias vezes durante o diálogo que o momento da acção está no AGORA e que não há a possibilidade de tempo. Ele deixa claro que é a pessoa que tem que fazer a escolha entre ficar em seu mundo conhecido ou ousar pela busca do desconhecido e, que quase sempre é o medo do desconhecido, o medo de novos níveis de consciência que faz com que a pessoa retroceda, ou opte pela estagnação imposta pela rede do pensamento condicionado.



Outro ponto que fica bastante claro nessa cena, é que o medo é o grande obstáculo para a elevação de consciência. O medo nos leva a nos ajustar à opinião pública, ao que os outros dizem, ao que disseram Buda, Cristo, os grandes santos - o que demonstra nossa natural tendência à adaptação, à busca de protecção e segurança. Quando buscamos a segurança, é evidente que nos achamos em estado de medo e por isso não existe integridade.

A fala de Morfeu deixa claro que toda acção só pode ser feita no agora, nesse eterno presente activo. A ideia de desenvolvimento gradual é somente para a mente medíocre. A verdade, a integridade, acha-se em todas as coisas. Portanto, a ideia de que necessitamos progredir em direcção a realidade, é uma ideia falsa. Não se pôde progredir na direcção de uma coisa que sempre está presente, no agora. Não se trata de avançar para o exterior ou de voltar-se para o interior, mas sim de se libertar dessa consciência que se percebe a si mesma como separada. Quando houvermos realizado tal integridade, veremos que tal realidade não tem futuro nem passado; e todos os problemas relacionados com tais coisas desaparecem inteiramente. Uma vez que o homem realize isso, vem-lhe a tranquilidade, não a da estagnação e do conformismo, porém a da criação, a do ser eterno. O filme Matrix é uma grande metáfora de que a realização desta verdade é a finalidade do homem. Acompanhe o diálogo desta cena:

**Neo:** Alô.

**Morfeu:** Alô, Neo. Sabe quem está falando?

**Neo:** Morfeu?

**Morfeu:** Sim. Eu andava à sua procura. Não sei se está pronto para ver o que quero te mostrar, mas, infelizmente, nós dois não temos mais tempo. Eles vão te buscar aí, e não sei o que eles vão fazer.

**Neo:** Quem vem-me buscar?

**Morfeu:** Levante-se e veja você mesmo.

**Neo:** Como? Agora?

**Morfeu:** Sim. Agora. Levante-se devagar. O elevador.

**Neo:** Droga!

**Morfeu:** Sim!

**Neo:** O que eles querem?

**Morfeu:** Não sei. Mas, se você não quiser descobrir, sugiro que saia daí.

**Neo:** Como?

**Morfeu:** Posso te guiar, mas precisa fazer o que eu mandar.

**Neo:** Ok!

**Morfeu:** O cubículo à frente está vazio.

**Neo:** Mas e se eles...

**Morfeu:** Vá. Agora!... Fique aqui só um pouco!... Quando eu mandar, vá até o fim do corredor, até a sala no fim do escritório. Vá bem agachado. Vá, agora!... Ótimo. Agora, lá fora tem um andaime.

**Neo:** Como você sabe disso?

**Morfeu:** Não temos tempo. À sua esquerda há uma janela. Vá até ela. Abra. Suba no andaime até o topo.

**Neo:** De jeito nenhum! De jeito nenhum! Isso é loucura!

**Morfeu:** Há duas formas de sair deste prédio. Uma é elevado pelo andaime. A outra é levado por eles. Nas duas há um risco. Você é quem escolhe.

**Neo:** Isso é loucura! Por que está acontecendo comigo? O que eu fiz? Não sou ninguém. Eu não fiz nada. Eu vou morrer.

Neo olhando a altura retorna e exclama:

**Neo:** Droga.

Com muito medo, caminha pelo parapeito encostado nas vidraças, até se agarrar na coluna do prédio. Ao olhar para baixo tem uma vertigem e larga o celular, perdendo assim, o contacto com o observador Morfeu. Novamente ele exclama:

**Neo:** Droga. Eu não consigo.

Após exclamar isso, por causa do medo, Neo desiste e decide voltar para o interior do prédio onde é capturado pelos agentes da Matrix – da rede do pensamento condicionado.

O medo sempre nos acompanha, não é verdade? Medo do escuro, medo dos outros, medo da opinião pública, medo de perdermos a saúde, de perdermos nossas capacidades, medo de não sermos ninguém neste mundo monstruoso, aquisitivo, agressivo; medo de não alcançarmos o objectivo, de não “realizarmos” um estado de suprema felicidade, bem-aventurança, Deus, ou o que quer que seja. E também, naturalmente, há o medo fundamental à morte. Não estamos tratando da morte, por ora, porém apenas tentando ver, descobrir o medo. Sem dúvida, o medo está sempre em relação com alguma coisa. Não existe medo sozinho, per se. Há dúzias de manifestações de medo, todas em relação com alguma coisa. E é possível ficar-se só, completamente? É possível a mente ficar de todo só, sem se isolar, sem edificar muralhas, torres de marfim, ao redor de si? A mente está só, quando já não busca segurança. E pode ela libertar-se totalmente do medo?

Esse diálogo mostra que o passado é fragmentado, modificado e virá a ser futuro. Isso é um fato. Assim, se não há uma mudança radical no presente, amanhã seremos os mesmos que somos hoje. Portanto, o futuro é agora. Portanto, o futuro e o passado estão no presente. Então, todo o tempo - passado, presente e futuro - está contido no agora. Isso não é complicado. É lógico. Assim se o cérebro humano não se modificar no *agora*, no mesmo instante, o futuro será o que somos, o que fomos.

Mostra também que a menos que a mente descubra a fonte do pensamento, ver-se-á sempre de novo enredada num sistema de vida que levará finalmente ao conflito, uma maneira de vida que é violência. Aquela fonte precisa ser descoberta. Enquanto existir observador (Morfeu) e coisa observada (Neo), haverá contradição, distância, intervalo de tempo, separação entre ambos, e o pensamento tem de existir... Enquanto houver observador e coisa observada, e, entre ambos, intervalo de tempo, distância, espaço - essa separação dará origem ao pensamento. Só quando há a fusão entre o observador e o objecto observado, e não há observador nenhum, não há pensar. A menos que se liberte constantemente de sua acumulação de tradições, a mente é incapaz de descobrir o Supremo, o Eterno.

O problema é que ansiamos pela segurança e esse anseio é um obstáculo à nossa libertação pelo conhecimento da Verdade. Cada um de nós deseja submeter-se a algum padrão; porque a submissão é mais fácil do que a vigilância. A submissão a padrões representa a base de nossa existência social, pois temos medo de estar sós. O temor e a renúncia a pensar acarretam a aceitação e a submissão, a aceitação de autoridade. Tal como acontece com o indivíduo assim também acontece com o grupo, com a nação.

## **Sobre a morte e o fim do tempo psicológico**



Na cena em que Neo abre a porta do quarto 303 – o mesmo em que no início do filme Trinity faz uma ligação – e se depara com o agente Smith, recebendo dele vários tiros, mostra que quando se busca algo, psicologicamente, esse algo já é o resultado do condicionado pensamento e que, ao abrir-se a porta do que condicionalmente se busca, o que se encontra é tão-somente o próprio pensamento condicionado. Esta cena aponta para a necessidade da morte do pensamento condicionado, através de uma espécie de “egocídio”.



**A morte deve ser algo extraordinário, assim como é a vida. A vida é uma totalidade. Sofrimento, dor, angústia, alegria, ideias absurdas, posse, inveja, paixão, a torturante agonia da solidão – tudo isso é a vida. E, para compreendermos a morte, devemos compreender o todo da vida, e não apenas tomar um fragmento dela e ficarmos vivendo com este fragmento, como o faz a maioria de nós. No próprio compreender da vida há o compreender da morte, porque as duas coisas não estão separadas.**



**O homem que deseja saber o que significa morrer, que deseja realmente experimentar o seu pleno significado, deve estar cômico da morte em vida, isto é, deve morrer psicologicamente todos os dias. As coisas que temos acumulado como experiência, conhecimentos, os prazeres e as dores que conhecemos – morrer para tudo isso.**

**Mas a maioria de nós não deseja morrer psicologicamente, porque estamos satisfeitos, conformados com o nosso viver fragmentado. Nosso viver é muito tedioso, mesquinho, invejoso, uma luta constante. Nosso viver é uma tortura, um sequencial de conflitos, com esporádicos clarões de alegria que logo se tornam memória e o medo da morte é também para nós uma grande e silenciosa tortura.**

**Mas a morte real é morrer psicologicamente para tudo que conhecemos – isto é, sermos capazes de enfrentar o amanhã, sem saber o que é o amanhã. A maior parte das pessoas teme a morte e, por isso se apegam à algum tipo de crença. Mas ao homem que realmente deseja descobrir o que é a morte, a crença não interessa, pois a crença revela imaturidade. Para saber o que é a morte, devemos saber morrer psicologicamente. Se soubermos morrer, cada dia, cada minuto, conheceremos então a terminação do tempo psicológico.**



**Essa cena nos mostra que devemos morrer para tudo isso: morrer para a sociedade, para a religião organizada, para as várias formas de segurança a que a mente está apegada. Afinal de contas, as crenças e dogmas oferecem a segurança psicológica que dá vida ao processo de estagnação e conformismo. A crença nos impede de descobrir o que é verdadeiro.**

**Para descobrir o que é novo, precisamos de uma mente “inocente”, uma mente fresca, jovem, não contaminada pela sociedade com sua rede de pensamento condicionado. A Matrix é a representação da sociedade com toda a sua estrutura de inveja, avidez, ambição, busca de poder e prestígio; e para descobrir o que é verdadeiro, precisamos morrer para toda essa estrutura, não teoricamente, não abstractamente, porém, morrer para a inveja, a perseguição do mais. Enquanto houver essa perseguição do mais, em qualquer forma, não poderá haver compreensão do imenso significado da morte. Todos sabemos que mais cedo ou mais tarde morreremos fisicamente, que o tempo passa, e a morte nos alcança no caminho; e, porque temos medo, inventamos teorias, coordenamos idéias a respeito da morte, racionalizando-a. Mas isso não leva a compreensão da morte.**



**Afinal de contas, com a morte não se discute; ela não é democrática, não podemos pedir-lhe por mais um dia de vida. Ela é terminante, decisiva, inexorável. E não é possível morrer para a inveja da mesma maneira, sem discutir, sem perguntar o que nos acontecerá amanhã, se morreremos para a inveja ou para a ambição? Na verdade, isso é o que significa compreender o inteiro processo do tempo psicológico.**

**Sempre estamos pensando em termos relativos ao futuro, planejando o amanhã, psicologicamente. Desejamos,**

psicologicamente, vir-a-ser alguma coisa amanhã, diferente do que hoje somos. A mente condicionada se ocupa com o que ela foi e o que irá ser, e toda a nossa existência confusa é dedicada nessa base. Somos o resultado de nossas “memórias”, e memória é tempo psicológico. Nesta cena Matrix nos convida a meditar na possibilidade ou não de morrermos, sem esforço, sem resistência para todo este processo.

Todos queremos morrer para o que nos é doloroso, no entanto, não queremos morrer para o que nos dá prazer ou um forte sentimento de respeitabilidade (lembra-se da cena em que Neo fala da cantina e a macarronada?). Se morrermos para as lembranças de uma experiência estimulante, morrermos para as nossas “visões”, nossas esperanças e preenchimentos, nos veremos frente a frente com um extraordinário sentimento de solidão, sem nada termos para nos agarrar. Instituições, crenças, igrejas, livros, instrutores, filosofias, programas, métodos – em nada disso confiaremos mais, o que é muito certo, muito sensato; porque se depositarmos confiança em qualquer dessas coisas, estaremos ainda alimentado o medo, a inveja, a avidez, a ambição e a busca de poder e prestígio.



Infelizmente, a grande maioria quando em nada mais confiam, tornam-se geralmente amargurados, mordazes, superficiais, e vivem então, simplesmente, dia após dia, dizendo que tanto basta. Mas, por mais sagaz ou filosófica que a mente seja, por mais que se considere “espiritualizada”, o que daí resulta é uma vida muito superficial, muito medíocre.

Nesta cena Matrix nos convida a fazer a experiência de morrer, sem esforço, sem resistência, para tudo o que conhecemos, morrer não superficialmente, intelectualmente, porém, realmente, sem nos preocuparmos com o que nos acontecerá amanhã. Se formos capazes de fazê-lo, nos encontraremos com um extraordinário sentimento de solidão, um estado de negatividade, no qual não existirá o amanhã – e, se experimentarmos esse estado até o fim, veremos que não é um estado desesperador; ao contrário, é um estado em que a limitação das palavras não pode expressar a realidade vivida do presente momento activo que é o agora.

Mas, por causa do medo, nunca ousamos experimentar esse estado até o fim, para descobrir o que ele é. Procuramos ligar o rádio, a TV, o

computador e a internet, ler um livro, ligar para um amigo, ir à uma reunião, à igreja, ao cinema, ao shopping ou ao bar – tudo isso são meras expressões de fuga. O que para muitos é mais difícil perceber é que “Deus” é uma fuga estimulante, tal e qual a bebida ou o Prozac. Sociologicamente, talvez não seja bom beber; mas, fugir para Deus ou para os calmantes também tem lá os seus inconvenientes.

Assim, para compreendermos a morte, não-verbal ou teoricamente, porém, experimentá-la realmente, é preciso morrer para o ontem, para todas as suas lembranças, seus conhecimentos, suas feridas psicológicas, os elogios, os insultos, as ofensas, a mesquinhez, a inveja – é preciso morrer para tudo isso, quer dizer, morrer para si mesmo. Por que tudo isso é o que somos. E veremos então, se chegarmos até aí, que existe uma solidão que não é isolamento. Solidão e isolamento são duas coisas completamente diferentes. Mas não podemos alcançar a solidão, se não experimentarmos até o fim e compreendermos esse estado de isolamento em que as relações nada mais significam. Quando formos capazes de experimentar esse tal estado até o fim e ultrapassá-lo, quando já não mais nos assustarmos com a palavra “só”, quando estivermos mortos para todas as coisas que conhecemos, e a sociedade com sua rede de pensamento condicionado já não tiver o poder de nos influenciar, conheceremos então “a outra coisa”.



A Matrix, a sociedade nenhum poder de influência terá sobre nós se cortarmos todos os laços psicológicos que a ela nos vinculam. Só poderá nos influenciar se estivermos presos psicologicamente a ela. Estaremos então livres das garras da moralidade e da respeitabilidade social. Mas o experimentar desse estado de solidão, até o fim, sem procurar fugir ou verbalizar – e isso significa “ficar” com ele, completamente – isso requer uma grande soma de energia. Essa energia não contaminada é a solidão que devemos alcançar; e, dessa negação, desse vazio total, nasce a criação.

Toda criação se verifica no vazio, e não quando a mente está cheia. A morte só tem significado quando morremos para todas as nossas vaidades, superficialidades, todas as nossas inumeráveis lembranças. Apresenta-se então algo que transcende o tempo, algo que não podemos alcançar se sentirmos medo, se estivermos apegados a crenças, se estivermos nas redes do pensamento condicionado com todos os seus sofrimentos.

## A relação entre a “mente inocente” e o “medo”



Há uma cena no filme *Matrix*, que retrata muito bem a relação entre “inocência” e o “medo”. Essa cena é a do “menino” e a “colher”. Nessa cena, a inocência é representada pelas crianças, ainda não condicionadas, ou seja, sem ciência das experiências. Todos nós temos muitas experiências, e cada experiência deixa sua marca; cada pensamento, cada influência molda-nos de certa maneira a mente. E é uma coisa essencial morrermos para tudo que temos experimentado, para que a mente se torne jovem, fresca e “inocente”. Só a mente que é “inocente”, por estar morta para o passado com seu acumulo de experiências, só essa mente pode ter uma maneira de olhar os acontecimentos e perceber o real. Só essa mente “inocente” pode perceber o que é verdadeiro e transcender as coisas fabricadas pelo homem. E o medo é uma das forças corruptoras e destrutivas que tornam impossível a manifestação de uma mente inocente. Observe as falas entre o menino e Neo:

**Menino:** Não tente entortar (*transformar*) a colher (*medo*). É impossível. Em vez disso, apenas tente ver a verdade.

**Neo:** Que verdade?

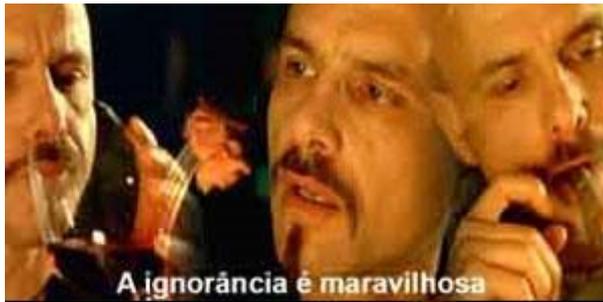
**Menino:** A colher (*medo*) não existe.

**Neo:** A colher (*medo*) não existe?

**Menino:** Então você verá que não é a colher que entorta (*transforma*). É você mesmo.



O medo é pensamento e, para compreender o medo, temos de compreender todo o processo do pensar, todo o mecanismo do pensamento. O descobrimento da causa do medo não é a libertação do medo. E, se não estivermos realmente livres do medo, qualquer espécie de busca só produzirá mais ilusão e desfiguração (o entortar da colher).



Um homem verdadeiramente livre não tem medo, não busca mais por mecanismos de fuga. O homem livre é o “homem total”, e não aquele que é meramente sentimental ou foge do mundo, tal como *Cypher*, narcotizando-se com ideias, ilusões e visões. A mente de um homem livre é muito tranquila, sã, racional, lógica; e é dessa mente que necessitamos e não de uma mente sentimental, emotiva, medrosa, enredada em condicionamentos.

Observe o diálogo entre Cypher e Neo e, em continuidade, Cypher com o agente Smith:

*Cypher*: Você quer uma bebida?

*Neo*: Claro.

*Cypher*: Sabe, sei o que está pensando. Porque estou pensando a mesma coisa. Na verdade, penso nisso desde que cheguei aqui. Por que eu não tomei a pílula azul?

Neo engasga com o gole do líquido oferecido por Cypher.

*Cypher*: Gostoso, não? O Dozer faz. Serve para duas coisas: desengraxar motores e queimar neurónios.

(...)

*Smith*: Negócio fechado, Sr. Reagan?

*Cypher*: Sabe, sei que este bife não existe. Sei que quando eu o coloco na boca, a Matrix diz ao meu cérebro que ele é suculento e delicioso. Após nove anos sabe o que percebi? A ignorância é maravilhosa.

*Smith*: Então negócio fechado.



*Cypher*: Não quero me lembrar de nada. Nada. Entendeu? Eu quero ser rico. Você sabe, alguém importante. Tipo um actor.

*Smith*: O que deseja, Sr. Reagan?

*Cypher*: Ok. Leve meu corpo de volta à usina, me coloque de novo na Matrix e eu te dou o que deseja.

*Smith*: Senhas de acesso à área de Sião.

**Cypher:** Não. Eu já disse, eu não sei. Vou-te entregar o homem que sabe.  
**Smith:** Morfeu.

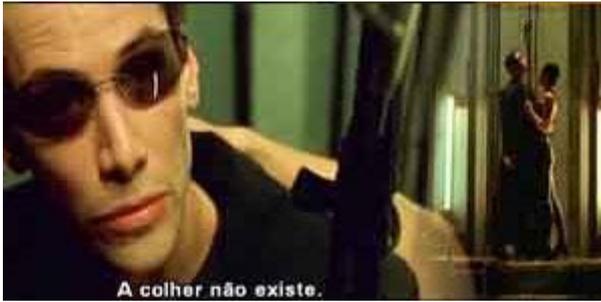
Esse diálogo entre o Agente Smith e Cypher, mostra que a grande maioria de nós não quer ficar frente a frente com seus problemas psicológicos (o *bife?*). Infelizmente, a maioria de nós deseja apenas ser curada dos sintomas. Não sabemos evitar que o problema psicológico surja. Há grande beleza, grande sensibilidade em estar cômico de cada problema tão logo se apresenta, tratar dele imediatamente, liquidá-lo no mesmo instante, de modo que não seja “transportado” para o dia imediato. Isso se pode fazer, *não* tomando nenhuma droga ou procurando esquecer ou fugir do problema psicológico, porém simplesmente percebendo que o problema, qualquer que ele seja, não tem solução separada dele próprio. Quando se considera um problema com atenção total, extingue-se o problema e não se faz necessário buscar pelo esquecimento, tal como fez o personagem Cypher.



O homem de mente livre é representado no filme Matrix, na cena do confronto final entre Neo – já morto para o condicionado – e o agente Smith, representação do pensamento condicionado e seu processo divisor. As características da mente livre, são, **tranquila** racional e lógica são expressas através dos movimentos do personagem Neo durante tal confronto, onde pode-se observar que não há nenhum tipo de esforço e perda de energia de sua parte.

Há uma facilidade prática de observar todos os rápidos movimentos do pensamento condicionado sem a identificação com o mesmo. As balas do medo, assim como das demais influências condicionantes já não possuem o poder de atingi-lo.

Essa cena deixa claro que é somente quando a mente está livre da identificação com o passado que ela pode ser realmente livre. Libertar-se completamente do passado, destruí-lo totalmente, com toda sua história, todas as suas memórias, é o findar do sofrimento e o surgimento de uma mente livre, inocente. E, o que traz a liberdade é a atenção, que significa olhar o fato (a colher/o medo) face-a-face, de dentro do vazio, e ver as coisas como realmente são, sem nenhuma desfiguração. Nesse estado de atenção se apresenta uma “inocência” que é virtude, que é humildade. Através dessa cena, torna-se claro que, quando se considera um problema psicológico com atenção total, extingue-se o problema.



**Isso também é demonstrado novamente na cena em que Neo, abraçado com Trinity, ao ter que disparar sua arma contra os fios que suportam o elevador novamente faz menção da falsidade da colher, a falsidade do medo que naquele momento se apresenta.**